

Senhor Presidente, senhoras e senhores deputados, pessoas que estão nos acompanhando com atenção,

A maior dor existente no mundo é a da perda. Quando se perde uma pessoa que se ama, em especial se essa pessoa é jovem e tinha tanta vida pela frente sofreremos ainda mais. E a tristeza que supera todas: a dor das mães, pais e avós diante da notícia da morte de seus filhos e netos. Quantas crianças e jovens ao perderem suas vidas, enterram suas esperanças, seus potenciais e seus sonhos de futuro, por conta da violência que é tanta, que parece que em nosso país se banalizou.

Tanto em uma parcela expressiva do nosso povo, como em muitos de nós, seus representantes, senhor Presidente, parece se abateu a derrota da capacidade de nos indignar. As microtragédias da vida, em especial nos grandes centros urbanos, deixaram até de merecer destaque nas redes sociais ou nos meios de comunicação. Estou me referindo ao jovem assassinado por um celular ou um tênis de marca, como daquele outro jovem, assassino frio que despreza a vida de um ser humano e que merece todo o rigor da lei. Mas também às vítimas absolutamente inocentes das balas perdidas, oriundas de rajadas disparadas a esmo ou em combate.

Imagino ser do conhecimento de todos e sei da especial sensibilidade que (o/a querido Deputado Fulano de Tal) tem em relação à questão da violência em nosso país, que possui números de mortos superiores às guerras entre nações soberanas.

Relatório apresentado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública no final do ano passado, demonstra que no Brasil morrem cerca de 65 mil pessoas por ano, por conta da violência. Os Estados Unidos perderam 58 mil vidas durante toda a guerra do Vietnam, o conflito do Iraque deixou menos de 200 mil mortes, números que ultrapassamos com folga em 4 anos.

A guerra contra o terrorismo em diversos países do mundo, não apresenta número de mortes que faça frente a esta imensa tragédia Brasileira, que acontece em nosso cotidiano e passou a ser encarada por muitos, como parte da nossa realidade ou da nossa cultura.

A cada dez minutos morre um ser humano em nosso país, vítima da violência e, em sua maioria, jovens.

A capacidade de matar das polícias aumentou 20% em relação ao ano anterior. Estamos falando de 5.144 pessoas mortas em decorrência de intervenções de policiais civis e militares, ou seja 14 mortos por policiais por dia.

Quero deixar claro desde logo, que não defendo bandido e acho que responsabilizar os policiais pela violência é tão injusto, quanto culpar os professores pela situação da educação, ou os médicos pelo desempenho dos hospitais da rede pública.

O que gostaria de convidar a refletirmos juntos, contando com a experiência de vida de meus colegas deputados, senhor Presidente, é sobre a proposta que trata da mudança do conceito de legítima defesa, buscando permitir ao agente policial, abater qualquer pessoa que esteja portando um fuzil ou que aparente estar portando uma arma de fogo de calibre militar.

A ideia parece boa e até legítima, vez que dá garantias de defesa à sociedade e aos policiais que vivem em situações de conflito e de altíssimo risco.

Mas vamos raciocinar juntos:

O conflito entre modernos fuzis de calibre utilizado em guerras, traduz a possibilidade real de aumentar vertiginosamente, o atravessar as paredes das casas, escolas, postos de saúde, por exemplo, como faca quente na manteiga. O projétil SS-109, pode penetrar uma placa de aço com mais de três milímetros de espessura, portanto mais resistente que a pele humana, a 640 metros de distância. O calibre 762 conhecido como FAL, atinge 800

metros de alcance letal. A munição não distingue as pessoas e vai atravessando paredes, ônibus e, conseqüentemente diversas pessoas.

Tentem se imaginar dentro de uma casa humilde situada num bairro pobre, a noite inteira, com 4 crianças e outros familiares em pânico, enquanto atravessam pelos cômodos, a munição de uma guerra, que para ser guerra só falta nós assumirmos. Porque a quantidade e o perfil das armas, as quantidades de vítimas inocente que se somam a de pessoas envolvidas no conflito, sinalizam claramente para declararmos uma situação de guerra civil. Uma situação onde brasileiros se enfrentam em meio a ruas e vielas repletas de lares de pessoas que não possuem nenhum vínculo com o tráfico de drogas, ou a criminalidade em geral. Essas pessoas vivem em estado de terror e de luto, são submetidas a poderes paralelos de “governos” instituídos por bandidos que os oprimem, abusam e exploram.

A situação da violência em nosso país e a proposta de enfretamento puro em simples através das execuções sumárias dos marginais, que ostentam armamento pesado, já vem sofrendo diversos questionamentos das Defensorias Públicas, da Igreja Católica, como de diversas congregações protestantes e mesmo de

organismos internacionais de defesa dos direitos civis. Será que a comunidade internacional não irá, em um futuro próximo, por força da opinião pública de seus países, promover boicotes ou sanções econômicas para nosso país? As senhoras e os senhores acham impossível que os consumidores das nações desenvolvidas se mobilizem, através das redes sociais, para não adquirirem os produtos de nossa pauta de exportações, tão importante para manter a balança comercial favorável, o crescimento econômico e a retomada da oferta de emprego?

Penso que já passou da hora do Brasil apresentar medidas de impacto para enfrentar a violência, não há o que questionar neste sentido, mas na minha opinião, Deputada Fulana de Tal, elas não poderiam vir de forma isolada, sem um conjunto de ações de governo que ataquem as raízes do problema.

Estou me referindo a boas escolas técnicas, ao financiamento do micro empreendedorismo, a ações a serem desenvolvidas, de forma conjugada, pelos órgãos de governo responsáveis pela educação, cultura, assistência social, saúde, trabalho e desenvolvimento econômico.

E não podemos esquecer da valorização e das políticas voltadas a qualificar ainda mais nossos policiais! Não são urgentes e necessárias?

O caminho de simplesmente intensificar o conflito, como desde 2016 vem acontecendo nas Filipinas, está provocando vítimas aos milhares, crianças sendo atravessadas por balas de fuzis de última geração, sem apresentar resultados efetivos, como admite o próprio Presidente Rodrigo Duterte. Este modelo já fracassou no país vizinho a Tailândia, cujo governo atualmente tenta construir uma política pública de combate ao tráfico de drogas e à violência.

Quero deixar claro, Senhor Presidente, senhoras e senhores parlamentares e para você que está nos acompanhando através da televisão, do computador ou smartphone, que tenho a mesma convicção da maioria da sociedade, que a violência em nosso país atravessou, já há anos, todos os limites da tolerância e que precisamos dar um basta nisto.

Ninguém aguenta mais, a realidade é essa.

No entanto, alerto que as decisões que vamos tomar a este respeito, em face da proposta do governo, irão significar num vertiginoso aumento no número de mortes. Mortes de bandidos, é

verdade, mas também de policiais, como das vítimas de balas perdidas.

E sem uma política pública de curto, médio e longo prazo, corremos risco de estarmos, como se diz, “enxugando gelo”, onde cada gota de água é a vida de um brasileiro que se esvai e uma família que se estilhaça.

Não é possível decidirmos sobre esta matéria tão somente pela emoção, ou tratar o tema de forma isolada e muito menos de afogadilho.

Nosso voto sobre este assunto trará consequências tão irreversíveis quanto a morte, porque estaremos tratando exatamente sobre o direito à vida de pessoas, de brasileiros... Nunca é demais lembrar.

E a nação que não valoriza a vida de seu povo, os representantes que não tiverem a necessária cautela, irão responder com suas consciências pelas mortes de inocentes.

E deste peso, ninguém se liberta.

O sentimento de culpa que acompanhará por toda à vida, só será inferior a dor das famílias que sofrerão as perdas.

Portanto, creio que devemos fazer um esforço concentrado no sentido de ouvir mais a sociedade, os especialistas e as

autoridades, como também as pessoas que moram nas áreas conflagradas, ao mesmo tempo em que temos de exigir do governo a edição de um conjunto de ações integradas, que proporcionem a perspectiva da intensificação de uma guerra, sem perder, no entanto, o objetivo de se conquistar a paz, que é o desejo de todos e necessidade urgente da nação brasileira.

Muito obrigado Senhor Presidente.